

***Nturudu*: Diversidade cultural e unidade nacional no carnaval da Guiné-Bissau**

Salomão Moreira Focna¹

Larissa Oliveira e Gabarra²

RESUMO

Esse trabalho objetiva compreender o papel do carnaval na construção da identidade nacional guineense. O carnaval é o espaço de sociabilidade onde as representações dos bens culturais (materiais e imateriais) da Guiné-Bissau são exibidas de forma livres e espontâneas, mas também pautadas por um incentivo nacional. Nessa miragem, acreditamos que o carnaval é um espaço por excelência da cristalização da identidade nacional na Guiné-Bissau, carregada de uma perspectiva política.

Palavras-chave: Carnaval. Guiné-Bissau. Identidade nacional.

ABSTRACT

This study aims to understand the role of carnival in the construction of the Guinean national identity. Carnival is the social space where representations of cultural assets (tangible and intangible) of Guinea-Bissau are displayed free and spontaneous form, but also guided by a national incentive. In this viewpoint, we believe that the carnival is a place par excellence of the national identity crystallization in Guinea-Bissau, and It is sustentained by a political perspective.

Key words: Carnaval. Guinée-Bissau. Nacional Identity.

¹ Bacharelado em humanidades pela Unilab, 2017. Atualmente estou cursando licenciatura em Sociologia Unilab. E-mail: Salo.focna@gmail.com

² Dr^a. em história Social da Cultura pela PUC-Rio, 2009. Atualmente Prof^a. Dr^a. adjunta do Instituto de Humanidades da UNILAB. Líder do Grupo de pesquisa África Contemporânea/CNPq. E-mail: larissa.gabarra@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A diversidade cultural de um “pequeno país gigantesco”
Andrzej Kowalski

Este trabalho tem como objetivo compreender o papel do carnaval na construção da identidade nacional guineense. O carnaval é maior manifestação cultural na Guiné-Bissau, é o lugar onde as expressões culturais e artísticas de diversos grupos étnicos do país são elevadas ao mais alto nível da cultura nacional. É o espaço onde a representação dos bens culturais materiais e imateriais da nação são exibidos de forma livre e espontâneo, ou elaborados para a participação do concurso do carnaval. Nesse sentido, procuramos compreender o lugar do carnaval na constituição da identidade nacional na Guiné-Bissau no pós-independência.

A nação guineense como um fenômeno imaginário é uma das bases que sustenta o Estado, cristaliza a identidade e unidade nacional mesmo em uma situação de instabilidade política³.

O termo identidade é usado para descrever a diferença ou similitude entre os indivíduos e se constitui de forma dialética entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, os indivíduos criam as suas identidades por meio de confrontos e convivência. Para Cahen, “o processo de produção da identidade é uma ‘invenção’ permanente, à uma trajetória” (2001, p.129). Assim, as experiências pessoais vão criando um arcabouço cultural que consolida as várias identidades que o sujeito pode adquirir durante a vida. A identidade é um produto social que muitas vezes se estabelece de forma complexas e conflituosa, e nunca chega a se consolidar; pois, conforme Stuart Hall, é fluída e depende das situações sociais do indivíduo para que ele se afirme ou seja inserido no grupo. A identidade está relacionada aos valores, crenças, objetivos de vida do indivíduo e a sua aplicabilidade tem a ver com a relação do indivíduo com a sociedade. Portanto, a identidade é um processo que está sempre em construção.

No entanto, a identidade de uma nação ganha diferentes formas dependendo do projeto nacional. Segundo Hobsbawn,

A nação é uma comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo (HOBSEAWM, 1990 p.28).

³ Monografia intitulado: Guiné Bissau, entre o reino do político e o reino do econômico. Autor: Salomão Moreira Focna

A Guiné-Bissau se tornou uma nação “simbólica” em 24 de setembro de 1973 quando conquistou a sua independência de Portugal. No entanto, isso não significa que sua identidade como Estado não estivesse sendo forjada, de certa forma, pelas influências culturais e normativas portuguesas, pois era integrada como província ultramarina a metrópole⁴. Na Guiné-Bissau, como muitos dos países africanos, contém grande variedade de grupos étnicos, o país conta com cerca de 30 etnias.

Estes grupos étnicos são: os Baiotes, os Balantas, os Banhuns, os Bijagós, os Brames ou Mancanhas, os Cassangas, os Felupes, os Fulas, os Mandigas, os Manjacos, os Nalus e os Papeis. Existem outras pequenas minorias étnicas sem significado democrático ou em viés de extinção enquanto grupo étnico distinto. Verificam-se, entre outros: os Bagas, os Bambaras, os Conháguis, os Jacancas, os Jaloncas, os Landumas, os Padjadincas, os Quissincas, os Saracolés e os Sossos (DJALÓ, 2013, p.21).

Os fatores migratórios, tais como as guerras e o colonialismo, em certa medida, contribuíram para que ocorressem mudanças sociais e culturais entre esses povos. Atualmente, os grupos étnicos que existem no território nacional, possuem diferenciação nas práticas culturais, organizações sociais, religiosas e econômicas. “Apesar da pequena extensão do território, ali vivem dezenas de grupos e subgrupos étnicos muito heterogêneos, com suas culturas próprias, suas línguas, em grande parte muito diferentes umas das outras” (AUGEL, 2007, p.76).

Essas diferenças são visíveis em manifestações culturais diversas, como o caso de carnaval e a *mandjuandadr*⁵. O carnaval é lugar privilegiado de observação da identidade étnica e do projeto nacional. Podem ser percebidos vários costumes ancestrais no desfile tratado como expressão cultural e brincadeiras criadas propriamente para o carnaval, tais como rituais de adoração aos deuses; cerimônia de iniciação; cerimônia de casamento; toca *tchuru*; momentos de colheita etc. O carnaval da Guiné-Bissau não tem uma única origem étnica, ele é classificado como festa nacional. E o carnaval é conhecido como Carnaval do *Nturudu*, que é a máscara gigante,

⁴ A Guiné-Bissau hoje é um pequeno país da Costa Ocidental da África, que faz fronteira ao norte com a República do Senegal, a leste e ao sul com República de Guiné Conakry e a oeste com o Oceano Atlântico, perfazendo uma superfície de 36.125 km².

⁵ *Mandjuidadi*- é a palavra usado para referir associações permanentes sistematicamente organizadas ou rede de famílias, vizinhos, colegas e amigos frouxamente organizadas (kohl, p.49). *Manjuandadis* é caracterizado como modo de sociabilidade com base nos princípios de assistência mútua e da solidariedade, os seus membros predominantemente femininos, estimulam relações amigáveis, onde divertem, bebem e comem juntos.

mas também no cotidiano a palavra é utilizada para outros sentidos como feio ou assustador. O *Nturudu* no carnaval é uma das grandes atrações da festa, pois além de participarem da oficialidade do folguedo, elas trazem a brincadeira para o expectador.



Figura 1. Nturudu (fonte: <https://notabanca.blogspot.com/search?q=carnaval>)

Na Guiné-Bissau o carnaval passou a exercer uma função dentro do projeto nacional, servindo para a construção da identidade nacional. O Estado guineense promove anualmente o concurso de desfile de carnaval, possibilitando que exista no meio dos vários grupos sociais e étnicos uma memória coletiva guineense que dá significado de pertencimento das diferenças para um mesmo corpo social. Para Gilberto Velho, o projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade (1994, p.101).

Portanto, se o projeto e a memória individual constituem a identidade social do indivíduo, podemos pensar que também são amarras fundamentais para a construção da identidade nacional. Se a identidade social do indivíduo coincide com a identidade nacional temos a estratégia perfeita para a manutenção do amálgama cultural do país. O Estado, então, promove condições que forjam memória e projetos comuns, constituindo uma única nação. No caso da Guiné-Bissau, os povos guineenses por conta da trajetória comum imposta pelo colonialismo português, puderam reconstruir suas identidades pós-independência, ainda que limitadas as ex-fronteiras coloniais e a língua oficial estrangeira, o português e a nacional o crioulo.

O carnaval, portanto, é usado pelo governo da Guiné para construir uma identidade nacional, ainda calcada em algumas regras estruturais da ideia de boa governança ocidental, mas num processo de (re) construção, (re) elaboração desta memória comum. O carnaval como uma das maiores expressões culturais guineense é parte da construção da identidade coletiva, pois de algum modo, a trajetória histórica, a

memória comum e o projeto nacional consolidam seu imaginário. O carnaval é visto no senso comum como o espaço da união dos povos guineenses.

METODOLOGIA

A metodologia usada para realização deste artigo se baseia na descrição densa proposta por Geertz, em que se procura observar os símbolos da festa de carnaval dentro do contexto nacional. A finalidade da descrição densa é o relato fruto de uma observação minuciosa das estruturas significantes do ritual com intuito de torná-las cientificamente eloquentes as simples ocorrências. A descrição densa objetiva tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando as exatamente em especificações complexas (GEERTZ, 2008, p.20).

Para Geertz o estudo da cultura é uma ciência interpretativa, a procura de significados. Neste sentido, a investigação de uma determinada cultura implica compreensão dos significados, que só podem ser buscados na ação social. Como sistemas entrecruzados de signos interpretáveis, a cultura não é algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual as expressões são entendidas como símbolos que podem ser descritos de forma inteligível, ganhando signos sociais (GEERTZ, 2008, p.10). É nessa perspectiva que o olhar para os rituais, celebrações, divisões, diversidades, descontinuidades, cores, acessórios, *Nturudu* foram observados, relatados – descritos – e interpretados como símbolos do carnaval e signos sociais da cultura nacional da Guiné-Bissau.

Muitas das observações do carnaval ainda foram feitas quando morava em Bissau, capital da Guiné-Bissau, onde tive privilégio de vivenciar a cada ano as festividades. No período de carnaval aumenta o número de pessoas na cidade de Bissau, é de costume à chegada dos grupos do interior para participarem do concurso. Naturalmente acompanho os grupos dos bairros da cidade nas preparações para o concurso, tanto na escolha das danças, das cores, quanto os rituais que iriam representar no carnaval. Cheguei a observar algumas vezes a confecção de *Nturudo*. O Carnaval era parte da agenda do ano de minha infância até me mudar para o Brasil. Atualmente estudando na UNILAB, que é uma universidade internacional, contém um número considerado dos meus conterrâneos, que em certa medida, contribuíram na

realização desse trabalho, onde pude revisitar várias das cerimônias, dos rituais por meio das conversas, fui reconstruindo lacunas dessa descrição densa.

Essa pesquisa também, fundamenta-se em documentos escritos e bibliografias, tais como jornais locais e nacionais, artigos acadêmicos, teses etc. É preciso fazer um trabalho de crítica ao documento que atinja, tanto as fontes escritas, quanto os orais. Pensar quem produz a fontes, quais as intenções, quando produziu, onde produziu é importante para poder entender as entrelinhas – o não dito – e também o contexto da documentação. A partir dessa análise, submetê-las a confrontações entre si, interpretando o objeto em si.

CONCURSO DE CARNAVAL

O carnaval é de origem europeia, mas na Guiné-Bissau assume uma característica singular. Na Guiné-Bissau as festas de carnaval costumam ser bastante populares. Para Justine Guillet, “o carnaval na Guiné-Bissau é uma mistura das identidades social, cultural e artística, nela comemora-se a união entre todas as etnias do país e, ao mesmo tempo, as diferenças culturais entre elas” (2014, p.1). O carnaval é momento peculiar no país, onde pode-se encontrar diferentes práticas culturais de diversos agrupamentos familiares, de vizinhanças, de jovens ou mesmo étnicas sistematizadas, evidenciando tradições ou simplesmente expostas pela espontaneidade do brincante.

A manifestação popular de carnaval é verificada também nas oito diferentes regiões do país: Bafatá, Gabú, Cacheu, Biombo, Tombali, Quinará, Oíó e Bolama, divididas em 38 setores, incluindo o Setor Autônomo de Bissau (M'BUNDE, 2018, p.63). É momento em que se fala da exaltação e fortalecimento das culturas nacionais, afinal, é um momento de demonstração da diversidade cultural do país. De certo modo, o carnaval cria uma identidade coletiva, por meio das práticas sociais, artística, musicais que incentiva toda população a participar no mesmo momento, voltados para a mesma exaltação e celebração das tradições populares e locais. Evidentemente, o carnaval proporciona no ceio dos guineenses um momento único, há um incentivo às pessoas para esquecerem os problemas, as diferenças sociais, étnicas e religiosas. O carnaval como festa da carne, em oposição à quaresma, tem o poder de inverter as regras sociais vigentes e de criar um espaço profano e de liberdade, mesmo que momentâneo, para fazer a crítica ao governo relacionados aos problemas que atingem o cotidiano social e para praticar a competição entre os grupos de forma lúdica; e principalmente, um espaço

de sociabilidade, de desabafo, onde se fala de paz, de justiça, de educação, de desenvolvimento e de unidade. Assim as manifestações populares entram no jogo da brincadeira, mostram as diversidades culturais e ao mesmo tempo fortalecem uma identidade em comum, importantíssima para o Estado que consolide a unidade nacional.

A cidade de Bissau, nesse período, acolhe manifestações populares acompanhadas de grandes festas e desfruta dos ritmos dos tambores e *bombolum*. Os artistas fazem apresentação em carros alegóricos. Com efeito, a dinâmica da cidade muda completamente, as cores e luzes iluminam as ruas de Bissau e a cidade recebe novas pessoas, que na sua maioria saem de diferentes regiões do país para prestigiar o carnaval de Bissau. A cidade de Bissau também recebe estrangeiros, que chegam de outros países. Segundo Andrzej Kowalski (2002), no carnaval de cidade de Bissau há um grande desfile, que é realizado nas principais avenidas de capital, e existem inúmeros pequenos desfiles paralelos. Contudo, acrescenta com entusiasmo, é uma desbunda completa, mas organizada, onde há uma grande etnização do carnaval.

No carnaval a criatividade artística é exposta ao ar livre. A festa é composta por vários momentos de dança, música, costumes e fantasias (vestuários), mas também a festa conta com gastronomias, as *Barakas* proporcionam comidas típicas do país como: Caldo de Mancara, Caldo de Chabeu, Cuscuz de milho, Peixe seco, *Sigá* e muita bebida. A cidade de Bissau durante o carnaval proporciona muitas atrações, no caso das conferências, exposições, concursos de gastronomia, desfile de grupos, animação artísticas e lutas tradicionais.

No carnaval se vê as pessoas andando de pés descalços, a *saia bijagós*, as meninas usando óleo de palma em todo o corpo, principalmente, entre as que fazem parte da competição. A espontaneidade das pessoas está na criação de suas personagens, colocando os seus trajes, o *pano de pinte* e apresentam as suas danças. O carnaval ocorre, aparentemente, de forma livre e sem distinção social, racial ou etnia.

Os *Nturudu*, figuras fantasmagóricas (máscaras gigantes), têm grande significado no carnaval e são destaque da festa. Para Guillet, “As máscaras são assustadoras, outras são coloridas, mas estas obras gigantescas são verdadeiras obras de arte” (2014). As máscaras são utilizadas, muitas vezes independente de estilo ou representações, com o propósito de passar uma mensagem, elas são produzidas e apresentadas ao público de forma espontânea. Porém, existem no carnaval máscaras que são feitas para o concurso (competição). Tanto as máscaras do público espontâneo, quanto as máscaras produzidas para o desfile são chamadas de *Nturudu*. Os desfiles das máscaras

coloridas percorrem as principais avenidas de Bissau. As máscaras gigantes muitas das vezes possuem formatos diferentes, que podem ser seres fictícios, como monstros; ou reais, como heróis nacionais, ou apenas animais, artefatos da cultura e etc. As máscaras de carnaval são produzidas de diversas técnicas, entre elas o empapelamento, passadas de brincantes mais velhos para os mais novos. Para Sofia Rodrigues, as máscaras gigantes, feitas de lama e pasta de papel, vestiram de novo pessoas e fizeram renascer o velho Entrudo guineense (2013, p.1).

No carnaval da Guiné-Bissau existe espaço para as crianças, na cidade de Bissau também é organizado anualmente “Carnaval Infantil”, que é o desfile das crianças de diferentes Jardins e Escolas Infantis do país. É um espaço de diversidade cultural continua sendo a marca das apresentações, proporcionando as novas gerações esse envolvimento cultural em que a diversidade faz parte de uma identidade comum. Assim, neste evento podemos encontrar danças tradicionais, recitação de poesias e a palavra de ordem bem-estar das crianças guineenses.



Figura 2: Carnaval infantil na Guiné-Bissau

(fonte: <http://aldeiasosguinebissau.blogspot.com/2011/03/aldeia-infantil-sos-bissau-no-topo-de.html>)

Na cidade de Bissau, o carnaval é considerado nacional, nele é realizado um grande concurso denominado de desfile nacional, que reúne representações das diversas regiões, e também dos diversos bairros da cidade, que o governo guineense é o idealizador e um dos patrocinadores do evento. No desfile nacional, a cidade de “Bissau e as restantes oito regiões do país trazem até nós os seus melhores trajes tradicionais, os melhores músicos, as melhores danças que entram num concurso que culmina na entrega de um prémio monetário ao melhor grupo” (Pinto 2017, p.1). É promovido pela secretaria do Estado ligado a área de cultura e turismo. A competição é dividida em três diferentes categorias premiadas: o melhor grupo, o melhor *Nturudu*, a melhor rainha. A entidade oficial escolhe o tema do ano e estipula as normas para o

evento. Nesse sentido, os grupos se organizam de forma independentes para participar no desfile, usando recursos próprios. As classificações dos grupos se dão, primeiramente, a nível regional e do setor autónomo de Bissau. Os grupos classificados para participar no evento, tem como responsabilidade organizarem suas apresentações de acordo com o tema do carnaval. Em 2013 alguns critérios foram elencados para a participação do grupo no desfile.

A Direção-geral da Cultura não quer que a Guiné deixe de ser palco do maior Carnaval de África e quis trazer de volta as máscaras tradicionais das décadas de 60, 70 e 80 do século passado. Gigantes e coloridas, representam os símbolos e rituais das mais de quarenta etnias do país. Ao contrário do que aconteceu nos últimos anos, para participar no concurso de máscaras não é necessário ter uma rainha, vestes tradicionais, música e coreografia. Para desfilar no cortejo do Sector Autónomo de Bissau (onde participam nove bairros), cada grupo tem de ter pelo menos cem pessoas e trinta máscaras de grande porte com cerca de dois quilos e mais de um metro (RODRIGUES, 2013. p.1)

A escolha dos enredos e das músicas são de responsabilidade dos grupos. Não existe um critério de participação, como por exemplo origem étnica ou status social; as máscaras, os trajés dos elencos dos grupos e os pequenos carros alegórico devem estar em conformidade com o lema do carnaval, que serve também de critério de avaliação. Os juris do concurso de carnaval levam em conta a originalidade, inovação, criatividade, expressividade e identidade.

O carnaval na Guiné-Bissau tem uma conotação muito forte com a política, e a exaltação da diversidade nacional e a unidade nacional. Se olharmos para lemas escolhidos entre 2010 à 2017 percebe-se como o carnaval exalta a cultura, paz e desenvolvimento, como pode ser observado no quadro em baixo:

Ano	Lema
2010	Carnaval de Unidade nacional Paz e Desenvolvimento.
2011	Carnaval de reconciliação nacional, Paz, Reforma e Desenvolvimento.
2012	Carnaval para promoção da cultura de Paz e de Desenvolvimento.
2013	Integração Sub-Regional e Valorização da Diversidade Cultural.
2014	Consolidação da Paz e a Promoção da Inclusão Social nos Países de África Ocidental.
2015	Carnaval da Salvaguarda da Memória Coletiva,
2016	Resgate e valorização da nossa cultura: Guiné-Bissau terra de "Nturudú"

2017	Cultura como Fator de Inserção Social e Económica
2018	Não houve o concurso

O carnaval de 2017, o sub lema “Cultura como Fator de Inserção Social e Económica” contou com 11 grupos que vieram de diferentes regiões do país e alguns grupos de cidade de Bissau. E o vencedor ao nível dos grupos foi o bairro de chão de Papel/Varela, na segunda posição ficou a região de Cacheu e de Biombo ocupou a terceira posição. Na categoria a Rainha do Carnaval 2017, foi a vez de região Biombo ocupar a primeira posição, a região de Quinará ocupou a segunda posição e o grupo do bairro de Chão de Papel/Varela ficou em terceira posição.

Sabe-se que é uma prática razoavelmente antiga, no entanto nenhuma pesquisa mais aprofundada traz referências precisas do seu início. Diferente de Angola que existe uma produção ainda incipiente, mas que já aponta o início dessa festa popular vinculada a presença dos jesuítas em Luanda desde 1620 (MAZZARO, 2016), em Guiné não existe nenhuma produção acadêmica nesse sentido. O senso comum conhece como um costume arraigado, mas que, como é possível ver na bibliografia sobre o carnaval de Angola, a cada período histórico, o carnaval muda sua organização, objetivos e utilização pública⁶, isso não seria diferente com Guiné Bissau. Segundo Rodrigues (2013), o primeiro desfile nacional de carnaval na Guiné-Bissau foi em 1979. Essa data tem mais a ver com a independência e a promoção da cultura nacional, do que com uma origem desse tipo de festa profana.

Atualmente, o carnaval da Guiné-Bissau apresenta multiplicidade étnica que é de raiz local, e as manifestações ultrapassam a capital de Bissau. Segundo Christoph Kohl, “a concentração das festividades carnavalescas em Bissau pós-1974 popularizou os festejos entre um grande grupo de migrantes do interior, pois a população da capital tinha crescido visivelmente durante e após a guerra de independência. Essas pessoas, em sua maioria jovens homens e mulheres, continuaram em contato com sua família rural e assim levaram a ideia do carnaval para o campo. Desse modo, o evento se tornou

⁶ Por exemplo, em 1978 o presidente de Angola Augustinho Neto reaviva o carnaval que estava parado da proibição colonial de 1961 transformando-o em uma festa cívica. Sua data passa para o dia 27 de março em memória da expulsão da África Sul em 1976. Segundo BIRMINGHAM (1991), Agostinho neto transformava o carnaval “religião do povo”.

popular no interior” (2011, 51). O carnaval tornou-se um símbolo de união de um povo (uma nação).

O discurso oficial do carnaval de Bissau, por outro lado, demonstra, ou seja, objetiva criar sentimento de unidade nacional através de diversidade cultural existente nesse espaço. Segundo José da Cunha, Secretário-Geral da Secretaria de Estado da Juventude, Cultura e Desportos (SEJCD) em 2015, afirmou que “os objetos da cultura material são geradores e portadores por excelência da diversidade cultural de um povo. O carnaval possibilita a promoção e difusão dos artefatos da cultura material impregnados na nossa tradição multicultural, é um espaço livre de maior demonstração de valores culturais do nosso país” (Jornal Democrata 09/01/2015). Nota-se que o Secretário-Geral da Secretaria de Estado da Juventude, Cultura e Desportos procura valorizar não apenas as culturas, mas também está enfatizando a unidade nacional. No carnaval de Bissau existe todo um aparato sistematizado elaborado e planejado por de trás do “livre” ou espontâneo.

IDENTIDADE NACIONAL

A identidade nacional é um produto da sociedade e deriva de uma construção histórica, calcada em um processo educacional, não apenas de maneira formal, mas também que se utiliza de outros artefatos para proporcionar o amor à pátria aos cidadãos. Os homens são seres sociais e as suas práticas se constituem um processo dinâmico. De acordo como John Thompson (2011), a vida social dos homens se constitui por meio dos objetos e fatos que ocorrem no mundo, ou seja, as práticas humanas são objeto das ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos. E, as ações dos sujeitos se expressam através desses artefatos e procuram entender a si mesmos e aos outros pelas interpretações das expressões que produzem e recebem.

O estudo sobre a identidade é vasto, é um campo de conhecimento cheio de intersecções e, portanto, interdisciplinar. A identidade é uma invenção, ou seja, é socialmente construída, um produto social que se constitui de forma complexa e conflituosa. A identidade não é homogênea, possui característica fragmentada, portanto, a identidade é conjunto de atributos relacionado a um grupo de pessoas, que de certa forma, possuem uma crença de pertencimento entre si, mas não se conformam em todas as opiniões, nem os possíveis símbolos que atravessam esse pertencimento. Quando um indivíduo ou um grupo afirma ser pertencente a uma dada identidade, é para se

diferenciar dos restantes, através do estatuto, da função, da vocação das “doações” específicas, mas com base numa experiência comum (AMSELLE; MBOKOLO, 2014, p.121). E é a experiência comum que cria a ideia de grupo, de comunidade, em última análise de nação.

O conceito de identidade é central em várias questões teóricas e políticas, principalmente, em relação à etnicidade, nacionalismo e pertencimento. Geralmente, a identidade nos ajuda a fazer a distinção entre as pessoas ou grupos, possui característica de inclusão e exclusão e cria fronteiras com base na avaliação comparativa. Para o antropólogo Gilberto Velho (1994), a memória e o projeto possuem um significado importante no processo de constituição de identidade, permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória.

O termo identidade torna-se um elemento significativo nos conflitos contemporâneos envolvendo diferenças culturais, étnicas, religiosas, “raciais” e “nacionais”, diz Paul Gilroy, que procura evidenciar os usos políticos feitos com base nas identidades (2007 p.132). A identidade fornece ao indivíduo significado, objetivo de vida, valores, crenças etc., mas também pode congelá-lo numa determinada política pública, ou num determinado estereótipo. Assim podemos auferir que a memória nacional fornece amarras do passado baseado nos mitos e narrativas produzidas pela educação do Estado que por sua vez vai produzindo significados para o cotidiano do indivíduo.

A complexidade e heterogeneidade da sociedade moderna criam de forma densa as relações entre diferentes culturas e possibilidade de choque de cultura. Atualmente, a identidade é cada vez mais moldada pelo mercado, modificada pelas indústrias culturais, além de ser gerenciada e orquestrada por instituições e cenários localizados, como escolas, vizinhanças e locais de trabalho (GILROY, 2007 p.133). Por isso a atuação do Estado na ação seja de planejamento do Carnaval ou de qualquer política pública implica diretamente em manipulação das identidades de grupo e da identidade nacional.

Desde os séculos XVII e XVIII em muitos países da Europa, o termo “nação” passou a aludir a uma população quando sintetizada como uma identidade coletiva (CATROGA, 2008, p.22). E, ao longo do tempo vem ganhando diferentes significados. Atualmente o termo nação é associado ao Estado, e é usada como base para criar união entre diferentes povos que possuem um território comum com regras de convivências comuns; possibilitando um sentimento de pertencimento entre os sujeitos desse território. Ou seja, o Estado é a integração de diferentes grupos sociais, onde a maioria

de seus membros possui sentimento de pertença e se refere a um aparato estatal compartilhado dentro de um território designado. Já uma nação é tida como uma entidade política e se constitui de forma imaginária, uma nação não necessita obrigatoriamente de um estado próprio. O Estado-nação, portanto, compartilha os dois conceitos, o primeiro baseado no território e o segundo, na entidade imaginária.

Para Moema Augel, “a história comum e o passado compartilhado nacionalizam um espaço geográfico e preenchem o território (nacional) de conteúdo mítico e de sentimentos sagrados. Não somente as personalidades fundadoras são celebradas como heróis, também a natureza da terra natal é tema recorrente” (2007, p.277). É possível perceber nessa fala que o território cria um espaço concreto, físico enquanto o conteúdo mítico e sentimento sagrados criam um espaço abstrato, denominado por Benedict Anderson, mantendo seus diferentes contextos, de comunidade imaginária.

O conceito da nação tem uma relação entre a identidade e o território, segundo Benedict Anderson autor do livro “Comunidade Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo”, a nação não se constitui por ter uma autenticidade, mas se forma através de projeto imaginário, construído por um grupo de homens letrados – para manter o termo da época (2008). Os membros de uma nação de alguma forma têm em mente a imagem viva de pertencimento de uma comunidade. A nação é imaginada como uma comunidade porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal.

Nesse mesmo caminho, Hobsbawm procura conceitualizar a palavra nação nesse contexto atual, trabalhando a palavra pátria e Estado. O conceito de nação e de pátria contém origens e significados diferentes, mas em certos momentos cruzam entre si. A pátria no seu sentido mais literal remete a terra dos pais ou terra dos ancestrais, onde um grupo social se identifica e possui fidelidade a essa terra. O termo pátria possui valor cívico e ideológico forte de pertencimento e de união a uma dada comunidade. Para Eric Hobsbawm (1990), antes de 1884, a palavra nação significava simplesmente o agregado de habitantes de uma província, de um país ou reino. Mas atualmente a palavra nação é tida como um estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum, e também o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerado como um todo.

O conceituado sociólogo, jamaicano, Stuart Hall, no seu livro intitulado “A identidade Cultural na pós-modernidade”, analisa a crise na pós modernidade e discute

as fragmentações e modificações da identidade cultural dos indivíduos na sociedade globalizada. Para Hall, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e se constituem socialmente através das representações (2006). A nação não é apenas uma entidade política, mas também é algo que produz sentido a um sistema de representação cultural. Os indivíduos além de pertencerem uma dada nação, eles participam na construção desse imaginário, que é a cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica, isso que explica o seu poder na criação de sentimento de identidade e lealdade. Por isso Anderson, chama de comunidade imaginada.

Hobsbawm expõe o que seria comunidade imaginada de Anderson, por meio da ideia de construção de interesses comuns, subordinados a um poder central:

A nação é uma comunidade de cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo regime ou governo e tendo uma comunhão de interesses; a coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinados a um poder central que se encarrega de manter a unidade do grupo (HOBSBAWM, 1990 p.28).

Como sendo uma entidade política, o sentido da nação é influenciado muitas vezes por grandes eventos políticos. O exemplo concreto é o colonialismo em África, que originou a criação de várias nações, entre elas a guineense e levou a transformações sociais e culturais dos autóctones que ali viviam. Segundo Bartolomeu (2006), a situação colonial balcanizou o território dos autóctones num processo de reorganização social radical, criando uma nova unidade sociocultural, possibilitando surgimento de novo tipo de relação e de convivência.

Para que exista identidade nacional deve haver interesse em defendê-la, ou seja, autoproclamar essas as práticas identitárias, criando espaços de “livre” expressão das culturas populares, como o caso de carnaval na Guiné-Bissau. Não é a etnia que vai provocar expressões de etnicidade, não é a nação que vai criar a nacionalidade, mas sim, é a existência de pessoas que sintam uma etnicidade ou nacionalidade que vai desenhar a comunidade étnica ou nacional (CAHEN, 2006). No entanto, esse sentimento que as pessoas criam para com a Estado-Nação é forjado por esse poder hierarquizante, que necessita do povo da nação para existir.

A identidade nacional se constitui como uma unidade de certa forma frágil à medida que não está isenta das divisões, das diferenças do jogo de poder e das contradições. Nesse sentido, a inclusão social dos sujeitos nacionais para além de suas

características religiosas ou étnicas passará a ser fundamental no fortalecimento da ideia de pertencimento. É bom que haja trocas benéficas entre as políticas públicas e os governados para que o indivíduo se identifique e se sinta parte de um todo.

A identidade de um povo, a etnicidade, não deve ser buscada na originalidade de seus traços culturais, mas na capacidade desse povo para gerar sentidos sociais e políticos que o unificam na luta para definir sua razão de ser como povo (Bartolomeu, 2006, p.57 apud. Zambrano, 2000, p.30). Deste modo, deve existir necessidade de compartilhamento das memórias individuais e grupais num processo dinâmico de resignificação dos símbolos.

CONCLUSÃO

A identidade nacional, no caso da Guiné, e de outros países africanos e latino americanos funcionam como conjunto de crenças e representações simbólicas que visa unir diferentes povos dentro de uma nação.

Na Guiné-Bissau “o forte compromisso dos guineenses com a nação foi amplamente fomentado pelo movimento de independência do PAIGC” (KOLH, 2011, p.62). O PAIGC com modelo de unidade e diversidade empenhou fortemente a união e coesão nacional, desencadeou a luta de libertação nacional. Para Amílcar Cabral (2011, p.371), o movimento da libertação para além da sua ação política pela busca da independência, também possibilita a confluência em termos culturais das diversas categorias sociais disponíveis transformando-os na força cultural nacional. O sucesso na luta de libertação possibilitou a tomada da independência e o novo Estado surgiu com obrigação de construção de uma nação. No entanto, a luta nacional possibilitou a unidade de diversos grupos sociais no território da Guiné para uma só causa, a libertação do jugo colonial, que se tornou legenda nacional.

A luta armada de libertação implica, portanto, uma verdadeira marcha forçada no caminho do progresso cultural (CABRAL 2011, p.371). Para Amílcar Cabral a construção da unidade nacional implicava diretamente a existência da diversidade cultural. A cultura para Amílcar reside na maneira como os camponeses cultivam a terra; e, portanto, produzem. Mesmo com a diversidade na unidade, depois da independência o país passou por muitas dificuldades em termo econômico que afetou de forma direta essa unidade e a maneira de pensar as culturas.

Para entender o significado de identidade nacional na Guiné, deve-se lembrar de que o movimento de libertação nacional conseguiu, de certa forma, alcançar um

sentimento de pertencimento dos diferentes grupos étnicos que passaram a constituir uma nação guineense. Segundo Kohl (2014), com o discurso hegemônico de “unidade nacional na diversidade étnica” do novo Estado, as identidades étnicas foram consideradas como de importância subalterna. E a etnicidade foi relegada à esfera de cultura, não propriamente política, ou talvez intuiria, diluída no papel político cultural. Por isso é pertinente a pergunta: será que as culturas étnicas são instrumentalizadas nesse contexto de construção de uma cultura nacional?

No contexto de construção nacional da Guiné Bissau, a partir de um Estudo prévio, a identidade coletiva, muitas vezes, é tratada pelos cidadãos como algo de pouca fonte cultural e mais de uma marca territorial e política se sente mais parte da unidade do grupo étnico do que da unidade política. No entanto, Amssele e M'Bokolo entendem que a etnia é resultado de uma classificação prévia que está fora do âmbito do pertencimento do grupo, o que aumenta a complexidade da discussão. Sobre isso explicam:

Na qualidade de substrato passivo do discurso etnográfico, a etnia substitui os atores efetivos (por exemplo, as unidades políticas) colocando fora de âmbito, retirando-os do cenário. Eis a razão pela qual o grau de adaptação da perspectiva étnica é mais elevado em sociedades ditas “acéfalas” ou “segmentárias” onde não é possível identificar com facilidade cada ator coletivo permanente e distintivo. Ao contrário do povo ou da nação, produto de uma história, a etnia constitui efetivamente o resultado de uma operação de classificação prévia (AMSELLE; M'BOKOLO, 2014, p.91).

Para os autores, etnia muitas vezes representa mais uma classificação etnográfica, do que uma identidade coletiva. Isso por consequência significa pensar que os estereótipos, as qualidades, as funções sociais atribuídas a uma etnia num determinado país pode ser apenas construções do aparelho do Estado que imagina as fronteiras das tradições, das culturas para assim hierarquizar-las e direcioná-las, conforme seus interesses. Segundo Mamdani, existe a identidade cultural e a identidade política, tanto uma, quanto a outra são étnica; a diferença é que a primeira constitui-se a partir dos ritos e hábitos cotidianos dinâmicos e por isso mutáveis propriamente do grupo; a segunda política é caracterizada por uma cristalização de determinadas práticas e hábitos que servem de base na construção das diferenças de tratamento diante do bem-estar da população (2016). O Estado instrumentaliza as identidades étnicas sim. No caso da Guiné Bissau, uma dessas formas é valorizando os vários rituais, celebrações, todas como expressões das culturas nacionais, aparentemente, sem distingui-las. Um estudo mais aprofundado poderia auferir sobre os silêncios simbólicos dos resultados do concurso de carnaval.

Como tínhamos mencionado, a Guiné-Bissau se constituiu através das diversidades étnicas, ao longo do tempo as diversidades das identidades culturais passam a ser ofuscadas pelo discurso nacionalista do próprio carnaval. E enquanto representatividade política ganha um lugar definido, tal qual a identidade política que explica Mamdani (2016). Isso explica, porque na maioria das vezes o povo não se sente representado por autoridades nacionais.

Para Cahen o hábito de sentir, ou seja, o sentimento de pertencimento torna imperativo na criação do imaginário, neste caso, de integrar-se a unidade nacional, carregando suas próprias tradições culturais, a partir de suas próprias demandas, carências, desejos e projetos. Para que exista sentimento de pertencimento as autoridades devem levar para essas populações vantagens sociais, ou seja, algo em troca, caso contrário, o próprio Estado provoca reações ante estatais. Nesse caso, a etnia realmente é uma retórica, tal qual M'bokolo e Amelle sugeriram. Veja como Cahen apresenta:

se rompemos de vez com o fetichismo do Estado, com uma “invenção” da nação feita só pela elite, se centrarmos a análise nos factos de consciência, qual a diferença entre nação e etnia? Pois não há! Aqueles que atacam o conceito de etnia, em favor do da nação, « moderna », « democrática », de « cidadania », paradoxalmente continuam a dar a etnia a antiga definição biológica, quase sinónima da de raça. (...) O que serve, concretamente, para oprimir outras identidades (CAHEN, 2006, p.133).

O debate sobre identidade nacional e identidades étnicas vem desde os anos 50 do século XX e ainda permanece sem respostas – são estudos focais como este que podem trazer a luz sobre o tema. Voltando aos anos das independências, podemos notar que esse debate já causava incômodo. A política de Amílcar Cabral, que é o líder carismático do PAIGC, não era apagar as identidades étnicas, pelo contrário, usou essa identidade como base para constituição da identidade nacional. Ou seja, Cabral não considerava a etnicidade um problema em si mesmo, mas acreditava que ela poderia se tornar um problema se fosse explorada por oportunistas interesseiros.

De alguma forma, a presença da etnicidade no discurso político evidencia o que M'Bokolo aponta, uma proposição identitária externa ao próprio grupo cultural, que pode ser utilizada de várias maneiras pelo Estado. O esforço da PAIGC desde a sua fundação, até os governos mais atuais, que revigoram na celebração do carnaval, utilizando-as como elementos constitutivos da unidade nacional, reafirmando as no contexto de competição lúdica por meio dos concursos, criando entre elas um vínculo através das temáticas nacionalistas propostas a cada ano, de certa forma é consolidado. Se não há

integração nacional, de maneira que toda população tenha as mesmas oportunidades, já é um fato, que as fronteiras territoriais do Estado são defendidas pelo imaginário da nação guineense. Se politicamente é um estado instável e economicamente fraco, por outro a identidade nacional se concretizou.

A Guiné-Bissau é um país que passou por muitas dificuldades; desde a sua fundação vem acontecendo muitas instabilidades governativas e econômicas, esses acontecimentos afetam sentimentos de pertencimento e criam deformidades nas relações entre etnias. As instabilidades políticas prejudicam o desenvolvimento econômico do país, empurrando o país cada vez mais longe de consolidar a democracia que precisa desse sentimento de pertença ativado.

Os líderes nacionais “voltaram para traços culturais originalmente crioulos, tais como o Crioulo, *manjuandadís* e o carnaval, que por consequência se espalharam por toda a Guiné-Bissau” (KOHL 2014, p.47). Depois da independência, a língua crioula tornou-se importante, passou a ser a língua da unidade nacional, um elo de ligação entre diferentes grupos étnicos. Para Kohl, “Dessa maneira, foi transformado de uma língua comercial em uma língua de resistência e liberação e unidade nacional” (2014, p.48). Vários discursos políticos foram introduzidos seio do cotidiano dos povos guineenses como instrumentos para construção da ideia de memória e história em comum.

Podemos inferir que o Carnaval, de origem europeia introduzido no século XVI, foi transformado pós-independência de um espaço de celebração dos colonos num espaço de celebração das culturas locais, que forjam a cultura nacional, seguindo o mesmo caminho que o lugar da língua crioula apontada por Kohl. Sendo assim, a expressão das culturas dos vários grupos étnicos da Guiné-Bissau no Carnaval possibilita criar um espaço de expressão de suas identidades maternas ou nativas e de valorização delas no âmbito nacional, e assim cria esse sentimento de pertença nacional.

Referências

AMSELLE, Jean Loup e MBOKOLO, Elikie. **Pelos Meados Da Etnia: Etnias, Tribalismo E Estado Em África**. Luanda: ed. Mulemba, 2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo Companhia das Letras, 2008.

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: Nação, Identidade e Pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Ed. Rio de Janeiro, editora Garamond Ltda, 2007.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. **As Etnogêneses: Velhos Atores e Novos Papéis no Cenário Cultural e Político**. MANA. 2006, p.39-68. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v12n1/a02v12n1.pdf>. Acesso em: 07/09/2018.

BERGER, Peter L. **Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística**; tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis; vozes, 1986.

BIRMINGHAM, Devid. **Carnaval em Luanda**. Analise social. vol. XXVI. 1991(2.º) 417-429

CABRAL Amílcar. **Libertação nacional e cultura**. Textos coordenado por Manuela Ribeiro Sanches. Lisboa. Edições 70, Lda. 2011

CAHEN, Michel. **Lusitanidade, « lusofonidade » e modernidade: Um mergulho nos conceitos de identidade e de Nação**. *Espítome*, Porto, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas / Clifford Geertz**. - I.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008. 323p.

CHATTEJEE. Parha. **Colonialismo, Modernidade e Política**. Tradução: Fábio Baqueiro Figueiredo. Fabricas das Ideias. Bahia, 2004.

CATROGA, Fernando. **Pátria, Nação, Nacionalismo**. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2008.

GILROY. Paul. **Entre campos: Nações, cultura e o fascínio da raça**. Tradução de Celia Maria Marinho de Azevedo et al. São Paulo: Annablume, 2007.

GUILLET, Justine. **Carnaval na guiné**. Blog Nossa Avenida: 16/12/2014. Disponível em: <https://nossaavenida.wordpress.com/2014/12/16/o-carnaval-na-guine/>. Acesso: 15/09/2018

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tadeu da Silva G. Lopes Louro, 11.ed, 1. Reimp. Rio de Janeiro. DP & A, 2006.

HOBBSAWM, Eric, J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KOHL. Christoph. **Construindo a nação na África pós-colonial: o exemplo de Guiné-Bissau**. Tensões Mundiais, 2011.

KOWALSKI, Andrzej. **carnaval na Guiné: uma grande "desbunda" multiétnica**. Cenaberta, Lisboa. 01 de jun. de 2002. Disponível em: http://www.cenalusofona.pt/cenaberta_old/carnaval.htm. Acesso: 19/07/2018

LOPES, Carlos. **Desafios Contemporâneos da África: O legado de Amílcar Cabral**, Ed. São Paulo. Editora Unisp,2011.

LOPES, Carlos. **A Guiné-Bissau a procura de modelo social**. In: Soronda- Revista de Estudos Bissau-guineenses, 1986- INEP- Bissau.

MAMDANI, Mahmood. **Entendendo a violência política na África pós-colonial**. Helen Lauer, Kofi Anyidoho (organizadores). – Brasília: FUNAG, 2016.

M'BUNDE, Timóteo Sabá. **As Políticas Externas Brasileira e Chinesa para Guiné-Bissau em Abordagem comparativa (1974-2014)**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

PINTO, Ricardo (2017). **O Carnaval Na Guiné Bissau**. BIRD Magazine. Lisboa, 6 de mar. De 2017. Disponível em: <https://birdmagazine.blogspot.com/2017/03/o-carnaval-na-guine-bissau.html>. Acesso em: 04/02/2019.

RODRIGUES, Sofia da Palma. **O maior Carnaval de África**. Jornal Diário de Notícia, Lisboa, 16 de fev. de 2013. Disponível em: <https://www.dn.pt/revistas/nm/interior/o-maior-carnaval-de-africa-3057112.html>. Acesso em: 19 de jun. de 2018

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa** / John B. Thompson. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VELHO, Gilberto. In: **projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1994.

----- Forwarded message -----

De: Mônica Dias Martins <monica.martins@uece.br>
 Date: sáb, 3 de ago de 2019 às 21:31
 Subject: [tensoesmundiais] Agradecimento pela submissão
 To: Larissa Oliveira e Gabarra <larissa.gabarra@unilab.edu.br>

Olá,

Salomão Moreira Focna submeteu o manuscrito "Nturudu Diversidade cultural e unidade nacional no carnaval da Guiné Bissau" à editora Tensões Mundiais.

Em caso de dúvidas, entre em contato. Agradecemos por considerar nossa editora como um veículo para seus trabalhos.

Mônica Dias Martins
 ##default.journalSettings.emailSignature##